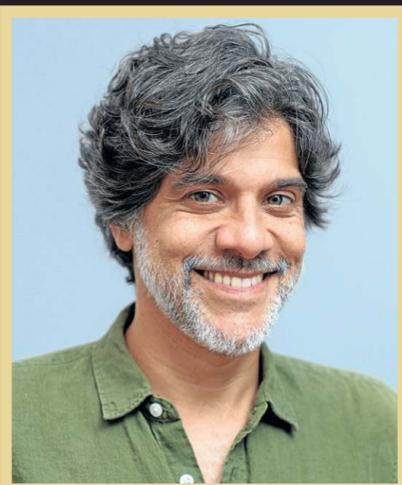


# Diversão & Arte

54º  
FESTIVAL DE BRASÍLIA  
DO CINEMA BRASILEIRO

UMA SÉRIE DE RELAÇÕES FAMILIARES PASSA POR TRANSFORMAÇÃO NO LONGA *ELA E EU*, EM QUE ANDREA BELTRÃO INTERPRETA UMA MULHER QUE VOLTA À VIDA, DUAS DÉCADAS DEPOIS DO COMA



O diretor Gustavo Rosa de Moura



Novos horizontes despontam para a personagem central, Bia (Andrea Beltrão)

## TEMPO DE RECONSTRUÇÃO



*Ela e eu*: encontros e desencontros, em refinadas cadeias emocionais

» RICARDO DAEHN

Uma filha incansável na dedicação à mãe, um radiante ex-marido, uma desconfiada, mas amistosa rival amorosa, e, ainda, uma secretária pra lá de parceira. Toda a gama de personagens cerca uma personalidade radiante como o sol, mas que, na tela, permanece completamente imóvel: é Bia, vivida por Andrea Beltrão. Na trama de *Ela e eu*, o concorrente ao 54º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro com elenco mais conhecido; Bia, diante dos efeitos do coma, passa 20 anos sem interagir com os personagens de Lara Tremouroux e de Du Moscovis, respectivamente, a filha Carol, e o ex-marido, Carlos. Um belo dia, a protagonista acorda.

O longa *Ela e eu* será visto pelo público, pela primeira vez, no Festival de Brasília — fato que agita horizontes do diretor Gustavo Rosa de Moura. “Estou bastante curioso pra ver como o filme vai bater nas pessoas, nesse contexto tão específico que estamos vivendo (de pandemia). Essa é uma história pra gente pensar sobre a nossa ilusão de controle, já que eventos muito maiores e fortes podem acontecer a qualquer momento e tirar nossas certezas do lugar. É um filme pra gente pensar no que realmente importa na nossa vida”, demarca o diretor, conhecido pela condução de longas como *Cildo* e *Canção da volta*. *Ela e eu* será exibido hoje (às 23h30, no Canal Brasil) e, em seguida, liberado para exibição, por 22 horas, na plataforma innsaei.tv

À exceção de Karine Teles (no papel da empregada Sandra) todas outras atrizes do novo longa estão na novela *Um lugar ao sol*. “É um privilégio muito grande estar ali diante daquelas pessoas enquanto elas estão dando vida às ideias. Eu realmente gosto de atores e amo trabalhar perto deles, fazer as leituras, as preparações. Cada atriz, cada ator, é uma pessoa diferente, com seus métodos, manias e magias. E o bonito é juntar essas diferenças e criar químicas humanas”, avalia Gustavo Rosa de Moura.

*Ela e eu* teve orçamento próximo a R\$ 4,5 milhões, tendo vencido edital do Fundo Setorial do Audiovisual e contado com coprodução da 20th Century Fox. Filmado no final de 2018, teve a maioria das cenas rodadas na Ilha do Governador (RJ). A produção perseguiu abordagem visual menos corriqueira em termos de cinema. Quanto ao som, as notas musicais foram norteadoras. “No caso desse filme, as músicas sempre estiveram muito presentes, desde o roteiro, e todas têm uma função narrativa — não

são meros realçadores de emoção”, explica o diretor. Criadas antes da filmagem, as músicas originais foram compostas por Lucas Santtana, e duas delas contam com letras de Ava Rocha (filha de Glauber Rocha).

Há vibração em *Ela e eu*, com relação aos dias atuais, que puxa uma reflexão de Gustavo Rosa de Moura: “É um filme que, de maneira inesperada, dialoga muito com o que estamos vivendo hoje. Fomos surpreendidos por uma pandemia e tivemos que nos adaptar, mudar a maneira de enxergar uma série de coisas, rever valores, conceitos e pre-conceitos”.

### Nada de dramalhão

Os deslocamentos das pessoas, por meses represados, diante da pandemia, de certa maneira trazem um paralelo com o novo longa. “O filme lida com readaptação, com imprevisibilidade, com crise, com descoberta, com amor, com doença e também com a morte. Nesse sentido, acredito que ele, de alguma forma, ficou mais atual”, observa o cineasta. Ao contrário do esperado, não há uma carga pesada de dramalhão, com o retorno efetivo de Bia ao lar, agora, em certa medida, coordenado por Renata (Mariana Lima), o novo amor de Carlos.

Equilibrar a intensidade da dramaturgia foi desafio extra encarado por Gustavo Rosa. “Queríamos contar essa história de um jeito delicado, que não fosse excessivamente dramático, pesado, nem levemente leve. E a história tem tanto momentos de grande alegria e luminosidade como de tristeza, melancolia e dor. Houve construção de personagens complexos e interessantes, capazes de aprofundar as relações entre si”, destaca.

Gustavo Rosa admite que, dos diretores em atividade, Almodóvar é, de longe, um dos seus preferidos. “Posso dizer tranquilamente que Almodóvar me influencia bastante, em muitos níveis”, assume.

### O fator Andrea

Nos créditos do longa, se percebe a extensão da interferência de Andrea Beltrão no filme de Gustavo Rosa: junto com ele, e ao lado de Leonardo Levis, Beltrão assina até mesmo o roteiro. “De fato, a Andrea é uma potência! Uma mistura rara de inteligência, cultura, intuição, carisma, energia e outras coisas que eu nem sei que nome dar”, derrete-se o diretor. O sonho de trabalhar com Andrea Beltrão tomou corpo, aos poucos. “Quando ela leu o roteiro, foi muito generosa, gostou do argumento, e disse que talvez participasse do filme se pudesse mexer no tom, sugerir coisas”, explica o cineasta.

## DESTAQUES DA SEMANA

CONFIRA PROGRAMAÇÃO COMPLETA: [CINECULTURA.COM.BR](http://CINECULTURA.COM.BR)

CLUBE do assinante 50% DE DESCONTO  
Desconto válido nas terças e quintas-feiras\*

CineCultura  
LIBERTY MALL

SHOPPING CENTER LIBERTY MALL | TEL 61 3326-1399

\*exceto feriados.